

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

FERNANDA INAYÁ ORQUIZA

**Biblioteca e vulnerabilidades sociais:
uma busca para entender a relação estabelecida entre esses dois lugares de existência**

São Paulo

2025

FERNANDA INAYÁ ORQUIZA

**Biblioteca e vulnerabilidades sociais:
uma busca para entender a relação estabelecida entre esses dois lugares de existência**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em
Biblioteconomia, apresentado ao Departamento de
Informação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Asa Fujino.

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Orquiza, Inayá

Biblioteca e vulnerabilidades sociais: uma busca para entender a relação estabelecida entre esses dois lugares de existência. / Inayá Orquiza; orientador, Asa Fujino. - São Paulo, 2025.

42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Informação e Cultura / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Biblioteca pública. 2. Pessoa em situação de rua.
3. Justiça social. 4. Inclusão. I. Fujino, Asa. II.
Título.

CDD 21.ed. - 020

Nome: Orquiza, Fernanda Inayá

Título: Biblioteca e vulnerabilidades sociais: uma busca para entender a relação estabelecida entre esses dois lugares de existência

Aprovado em:

Banca examinadora:

Nome: Profa. Dra. Asa Fujino

Instituição: Universidade de São Paulo

Nome: Prof. Dr. Marivalde Francelin

Instituição: Universidade de São Paulo

Nome: Profa. Dra. Adaci Rosa e Silva

Instituição: UNIMES

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Asa Fujino por aceitar me orientar na execução deste trabalho, foi muito importante as pontuações trazidas e trocas no decorrer deste processo. Agradeço a minha família e amigos que fizeram parte de todo o processo tanto deste trabalho como de toda a graduação e foram compreensivos nas ausências e sempre me incentivaram a continuar. Em especial cito minha querida Rebeka Savickas que além do apoio de amiga contribuiu igualmente para minha formação acadêmica e profissional, visto também ser bibliotecária e um exemplo nos seus cuidados e fazeres. Finalizo agradecendo imensamente todo carinho, cuidado, parceria, atenção, companheirismo nos momentos difíceis e muita, muita, paciência que meu companheiro de vida Marcelo Nobre demonstrou durante todo este percurso.

“[...] que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?”

Achille Mbembe, 2018

RESUMO

No decorrer da história, a biblioteca sempre teve um papel de protagonismo nas mudanças sociais e, infelizmente, hoje parece que este elo se perdeu. Diante disto, este trabalho se propõe a refletir sobre a relação das bibliotecas públicas, ou falta dela, com pessoas em situação de vulnerabilidade social, com foco em pessoas em situação de rua. Tem como objetivo identificar ações da biblioteca para este público e verificar se a biblioteca continua cumprindo sua função social como local de acolhimento e mudanças. O trabalho é de caráter exploratório e descritivo, fundamentado em referencial teórico da Ciência da Informação e em entrevistas com profissionais bibliotecários de instituições públicas na cidade de São Paulo e pessoas em situação de rua. Os resultados confirmam que o bibliotecário deve estar imbuído da responsabilidade de fazer com que a informação chegue a todo tipo de usuário, no entanto, existe uma carência sobre a atenção dada à questão, tanto com relação a pesquisas no âmbito acadêmico, quanto à falta de assistência do poder público. Ficou evidente que a biblioteca pública precisa voltar a ser esse território seguro no qual este público consiga se inserir novamente junto à sociedade a qual pertence. O processo é longo, trabalhoso devido à sua complexidade, contudo os potenciais resultados trariam grandes benefícios sociais.

Palavras-chave: Biblioteca pública; Pessoa em situação de rua; Justiça social; Inclusão.

ABSTRACT

Throughout history, libraries have always played a leading role in social change, and unfortunately, today this link seems to have been lost. Given this, this work proposes to reflect on the relationship, or lack thereof, of public libraries with people in situations of social vulnerability, with a focus on homeless people. It aims to identify library initiatives for this population and determine whether libraries continue to fulfill their social function as a place of welcome and change. This work is exploratory and descriptive in nature, based on a theoretical framework from Information Science and interviews with librarians from public institutions in the city of São Paulo and homeless people. The results confirm that librarians must be imbued with the responsibility of ensuring that information reaches all types of users. However, there is a lack of attention to this issue, both in terms of academic research and the lack of assistance from public authorities. It has become clear that public libraries need to return to being a safe haven where this population can reintegrate into the society to which they belong. The process is long and laborious due to its complexity, but the potential results would bring great social benefits.

Key-words: Public library; Homeless person; Social justice; Inclusion.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de artigos recuperados por termo - Ciéncia da Informação	29
Tabela 2 – Quantidade de artigos recuperados por termo - Ciéncia Sociais.....	28

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Justificativa.....	11
3 Objetivo.....	13
3.1 Geral	13
3.2 Específico.....	13
4 Referencial teórico	13
4.1 Bibliotecas e acesso à informação: seu papel histórico.	
4.1.1 História antiga.....	13
4.1.2 Biblioteca e acesso a informação em tempos recentes	16
4.1.3 Biblioteca e seu papel histórico	18
4.2 Biblioteca inclusiva, <i>biblioteca incluyente</i> e biblioteca pertencente.....	19
4.3 Biblioteca da Secretaria Municipal da Cidade de São Paulo	21
4.4 Vulnerabilidade social, com foco em pessoas em situação de rua.....	23
4.5 Potencial transformador	25
5 Metodologia.....	26
5.1 Levantamento bibliográfico.....	27
5.2 Questionários	28
5.2.1 Instituições - bibliotecas públicas da rede.....	28
5.2.2 Questionário semiestruturado	29
6 Resultados e discussões.....	30
6.1 Pesquisa dos termos.....	30
6.2 Respostas das instituições.....	33
6.3 Questionário semiestruturado	34
7 Conclusão.....	36
Referências.....	39
Anexos	42

1. INTRODUÇÃO.

A biblioteca, desde a sua origem, é um espaço de potentes transformações. Tal afirmação é corroborada quando analisamos os efeitos que o contato com o conhecimento causa. Sendo um dispositivo de incentivo à leitura e onde é possível acessar a informação e transformá-la em conhecimento, é, por excelência, um espaço de mediações em que se podem realizar reuniões e trocas de conhecimentos, informações e reflexões. As mudanças sociais, assim como também a quebra de paradigmas que ocasionaram profundas transformações históricas, vêm destes processos que muitas vezes estão ligados ao acesso à informação, que, ao passar por reflexão, torna-se conhecimento, bem como, da possibilidade de socialização de pessoas que se reúnem para discutir sobre questões e desdobramentos envolvidos nesta troca de informações. Essa comutação é transformadora. Em muitos momentos da história, as mudanças ocorridas estiveram estreitamente ligadas e entrelaçadas ao uso e apropriação do espaço da biblioteca, tendo parte significativa na transformação de pensamento e de paradigmas sociais.

De início será observada a modificação da biblioteca como instituição no decorrer da história, no qual o espaço tinha como função primária ser um repositório, como exemplo as bibliotecas minerais com suas tábuas de argila com escritos cuneiformes (Martins, 2002). Em outro contexto, a biblioteca foi usada como um local de disseminação da informação e conhecimento, reflexão e discussão do *status quo*. Pode-se afirmar que independente de qual a funcionalidade dada ao espaço da biblioteca - depósitos de livros ou locais de difusão do conhecimento - a existência da biblioteca por si só está relacionada com o poder de acessar a informação e/ou de detê-la, e este acesso se investe de um poder que pode abrir ou fechar possibilidades.

Estudos corroboram com a ideia de que o acesso à informação é um fator essencial para a mudança no status social de uma pessoa. A discussão abordada aqui se dá a partir da consciência sobre o potencial e a responsabilidade da biblioteca em ser protagonista no processo de assegurar o resgate da dignidade às pessoas em situação de rua (Tello, 2020). Parte-se do pressuposto que é responsabilidade e prerrogativa do profissional bibliotecário atuar na disseminação da informação, enquanto ferramenta de justiça social, e no estímulo à emancipação dos usuários em busca da informação. Entende-se que o trabalho bem realizado por um profissional bibliotecário, fundamentado no paradigma de justiça social, inclusão e

respeito à diversidade contribui para a emancipação do usuário e o transforma em protagonista de sua subjetividade.

Cabe ressaltar que muitas pessoas em situação de rua por vezes não acessam políticas públicas, das quais elas têm direito, por puro desconhecimento ou por falta de habilidade para procurar a informação por si mesmo, ou até mesmo por sofrer preconceitos ao ocuparem locais como as bibliotecas públicas (Spudeit e Vitorino, 2023). Considerando que vivemos na Sociedade da Informação e ter acesso às tecnologias se faz necessário para ser membro atuante nesta sociedade, cabe refletir se as bibliotecas hoje oferecem possibilidades e condições de inserção às pessoas em situação de rua.

No encerramento é apresentada uma reflexão e provocação que reúnem todos os levantamentos feitos para o desenvolvimento do presente trabalho, como também considerações sobre as possíveis perspectivas que podemos adotar como bibliotecários.

2. JUSTIFICATIVA.

Durante muito tempo a biblioteca teve o protagonismo de ser berço de revoluções e mudanças sociais, conforme será apresentado na contextualização do objeto de estudo, por ser um espaço intrinsecamente relacionado à produção de conhecimento que levou às mudanças culturais e sociais. Com base na essência dos elementos que deram origem às bibliotecas, considera-se relevante discutir no presente trabalho o papel da biblioteca como espaço de acesso e incentivo à leitura e instituição transformadora da sociedade, que de forma análoga a um ente vivo, produz e se reproduz, que não apenas afeta, mas que também se deixa afetar.

Traçando um paralelo com a obra “O Cortiço” do autor brasileiro Aluísio de Azevedo, no qual o cortiço é como uma entidade viva que transforma e é transformado por seus habitantes, assim também o é a biblioteca, que como um organismo vivo não é inerte, pelo contrário, se adapta ao meio e se afeta, evoluindo e se transformando paralelamente da mesma forma que aqueles que se utilizam dela.

A trajetória evolutiva das bibliotecas, ao longo dos tempos, vem mostrando que essas unidades de informação não constituem organismos estáticos, mas sim, dinâmicos, sobrevivendo em meios às complexas mudanças, com vistas a refletir as necessidades almejadas por diferentes e exigentes públicos. (Prado, 2020, p. 10)

É preciso entender a demanda destes “diferentes e exigentes públicos” pois se a biblioteca almeja se manter ocupando este lugar tão importante como espaço de manutenção da justiça e responsável pela mitigação das desigualdades sociais, se faz necessário entender como atingir e maximizar os impactos do acesso à informação que a biblioteca proporciona. É imprescindível que se pense em um Estudo de Usuário voltado para as demandas das pessoas em situação de rua tentando compreender de forma efetiva e eficiente as vulnerabilidades e carências que este público vivencia no cotidiano e o potencial de contribuição da biblioteca para minimizar carências e fortalecer as pessoas como cidadãos com direitos ao acesso à informação e conhecimento.

Tendo em mente a ideia de que a biblioteca possui a responsabilidade junto à comunidade em que está inserida e é também uma ferramenta de justiça social, a questão que surge e para a qual buscamos identificar respostas é: a biblioteca hoje cumpre sua função social de acolher pessoas em situação de rua propiciando condições de autonomia para elas?

Segundo o autor Felipe Meneses Tello (2020):

Esto implica reconocer que todos los miembros de la sociedad que presentan alguna discapacidad, en su calidad de seres humanos, tienen el derecho inalienable de tener a su alcance bibliotecas equitativas, esto es, bienes bibliotecarios con acervos, servicios y personal que asuma su compromiso de tratar a estos individuos de la comunidad por igual, pero tomando en cuenta sus diferencias y cualidades, con el objetivo así de ayudar a superar las desigualdades sociales que imperan y agravan por las barreras mencionadas. (Tello, 2020, p. 67)¹

Para além de apenas ser um lugar de disseminação e acesso à informação, como colocado por Meneses em seu artigo (acima destacado), entendemos que a biblioteca deve ser um lugar de equidade e só passará a ser um local de garantia do exercício da cidadania se estiver preparada para lidar com pessoas em situação de rua, tanto do ponto de vista da infraestrutura local, mas, principalmente da compreensão dos profissionais sobre suas responsabilidades com a inclusão sociocultural dos usuários, considerando o respeito à diversidade de forma ampla. Este processo ocorre não somente disponibilizando ferramentas físicas de acesso, como computadores para uso livre dos usuários, é necessário pensar antes em quais serão as políticas de acesso e uso do espaço que não sejam segregacionistas em suas exigências. Por extensão, é necessário que os profissionais envolvidos estejam capacitados para receber este público com necessidades tão específicas e ao

¹ Isto implica reconhecer que todos os membros da sociedade que apresentam alguma incapacidade, na qualidade de seres humanos, têm o direito inalienável de ter ao seu alcance *bibliotecas equitativas*, isto é, bons bibliotecários com acervos, serviços e equipe que assuma o compromisso de tratar estes indivíduos da comunidade como iguais, porém levando em conta suas diferenças e qualidades, com o objetivo de ajudar a superar as desigualdades sociais que imperam e agravam por causa das barreiras mencionadas. (Tradução da Autora- TA)

mesmo tempo com subjetividades plurais. Ao se colocar desta forma a biblioteca poderá ser verdadeiramente este local base de revoluções e mudanças sociais.

Tendo em vista a perspectiva do espaço da biblioteca como lugar de mudanças, ferramenta de transformação e justiça social (Tello, 2020) e os efeitos que acessar a informação pode ter na realidade de uma pessoa ou de uma sociedade, o enfoque dado à pesquisa é a pessoa em extrema situação de vulnerabilidade social, sendo estas pessoas em situação de rua. O presente trabalho se debruça em analisar primeiramente a atenção dada pelos estudos realizados na academia, observando os aspectos que foram discutidos.

3. OBJETIVO.

3.1 Objetivo Geral.

Analizar a relação que existe hoje entre a biblioteca pública e a pessoa em situação de rua.

3.2 Objetivo Específico.

Identificar se a biblioteca pública tem cumprido sua função social e se está preparada para acolher pessoas em situação de rua propiciando condições de autonomia informacional para elas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO.

4.1 Biblioteca e acesso à informação: seu papel histórico.

4.1.1 História antiga.

A necessidade de se registrar remonta a tempos primordiais através de registros pictóricos, como as pinturas rupestres, passando por um processo de aprimoramento, que deram origem à escrita cuneiforme até evoluir de forma ainda mais sofisticada através do desenvolvimento do alfabeto, o mais próximo do que entendemos hoje, podendo desta maneira, expressar ideias subjetivas. A história mostra que estar em posse, ou ser o detentor do direito sobre os registros produzidos sempre foi uma forma de demonstrar poder e influência. Bibliotecas na antiguidade foram muito valorizadas, a exemplo a importância dada pelo rei Assurbanipal II, que investiu diversos recursos para tornar a Biblioteca de Nínive grandiosa, sendo reconhecida hoje como “a primeira coleção indexada e catalogada da história” (Santos, 2012, p. 03). Tal fato mostra que o conhecimento serve de suporte para inovações, que levam a mudanças.

Na antiguidade, por muito tempo, as bibliotecas eram utilizadas frequentemente como um local de depósito e não possuíam muitas vezes um caráter público, serviam mais como locais em que se escondia a informação em vez de difundi-la (Martins, 2002). Há os que defendem que até mesmo a arquitetura das bibliotecas da antiguidade corrobora com essa ideia de aprisionamento do conhecimento, visto que “as disposições arquitetónicas dos edifícios das bibliotecas tinham por objetivo a intenção de impedir a saída do acervo” (Santos, 2012, p. 03). A nosso ver, a estratégia não era só de impedir a saída, como também possuía o objetivo de dificultar a entrada no acervo.

Indo alguns séculos a frente cabe destacar como exemplo histórico de que deter, tanto a informação, quanto ter o acesso a ela sempre esteve relacionado ao poder, é a Biblioteca de Alexandria, que, em sua época, era um símbolo de poder e cultura.

Ela não se contentou em ser apenas um enorme depósito de rolos de papiro, ditos livros, mas por igual tornou-se uma fonte de instigação para que os homens de ciência e de letras desbravarem o mundo do conhecimento e das emoções, deixando assim um notável legado para o desenvolvimento geral da humanidade. (Santos, 2012, p. 06)

A construção da Biblioteca de Alexandria foi uma decisão política, pois ela seria como exemplo do que naquele mundo seria a referência para produção científica, artística, social e política. Houve uma intenção muito específica na demonstração de poder por meio da construção desta biblioteca, deixando claro como sempre foi importante o controle sobre o acesso, uso e registro da informação.

Outro exemplo histórico de outro período histórico, porém com a característica do uso e apropriação do espaço da biblioteca é o dado pelos gregos, cujos locais à época foram palco de grandes discussões e trocas de conhecimento que moldaram os princípios políticos e morais daquela sociedade, como também, é base de muito o que nos norteia hoje socialmente. Entretanto, cabe observar que, mesmo existindo bibliotecas gregas, este momento histórico foi um período em que a cultura oral era forte, e eram poucas as bibliotecas públicas, sendo mais comum a existência de bibliotecas privadas (Martins, 2002).

Mais à frente na história consideremos a relação do Império Romano com suas bibliotecas, que eram marcadas por serem, em sua maioria, de caráter particular. As bibliotecas particulares eram muito valorizadas, pois com elas era possível demonstrar o poder de influência daquele que a construiu e/ou possuía, bem como era uma oportunidade de se ostentar um status social. Era tal a importância que as bibliotecas tinham, que estudos mostram que eram incorporadas nos projetos arquitetônicos de muitas casas do período (Souza, 2005). Mesmo sendo peças de

ostentação de seus proprietários, o caráter fundamental que elas possuíam era o de serem locais em que o conhecimento era preservado, poderia ser acessado, e deter um espaço como este sob sua posse era algo de se orgulhar. À medida que o Império morria e a nação entrava em um processo de deterioração, as luzes de suas bibliotecas também iam se apagando (Santos, 2012).

Esses exemplos da história antiga possibilitam inferir sobre a relação entre as bibliotecas dos mosteiros e as alterações de pensamento que se deram devido às possibilidades de acesso a outras perspectivas e informações correntes. Os mosteiros eram lugares em que o conhecimento da época era guardado, replicado apenas para um grupo muito limitado de pessoas. O acesso à informação neste período histórico era muito restrito, seja por dificuldades de acessar este espaço físico, seja pela falta de capacidade de decodificar a informação, visto se tratar de um período histórico em que o analfabetismo era dominante. Ainda assim, foi por causa da exposição a um novo modo de pensar e de entender o mundo - em que se introduz o conceito do zero ou o entendimento da perspectiva - que a sociedade medieval se transformou.

[...] a fuga desses monges e desses sábios de Bizâncio para o Ocidente, trazendo os seus manuscritos e os seus conhecimentos, por ocasião da tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, é que provocará a Renascença e, por consequência, o fim da Idade Média. (Martins, 2002, p.86)

O poder de fazer com que aquela sociedade, até então estratificada, dura e estática se modificasse, veio por meio do acesso à informação. Os mosteiros tornaram-se palco de uma revolução quando os monges, devido às cruzadas, foram expostos ao pensamento e conhecimento islâmico. Foi por meio do acesso a muitas obras produzidas pelos árabes que o mundo europeu se transformou drasticamente. O conhecimento sobre matemática, química, física, alquimia, astrologia e outros revolucionou a época e o contato com o conhecimento produzido pelos árabes plantou as sementes que deram origem às ideias renascentistas (Santos, 2012) levando não somente a profundas transformações no entendimento científico, mas também a reformas nas relações sociais estabelecidas.

E foi, de fato, no Renascimento que as bibliotecas passaram a exercer um papel intencional na divulgação e disseminação do conhecimento (Santos, 2012). É no final da Idade Média que se observa o aumento na busca de conteúdos para além do religioso, quando cresce o número de universidades e, por consequência, a quantidade de estudantes universitários, o que leva a biblioteca a ter um papel crucial na produção e disseminação de conhecimento. Como observa Morigi e Souto (2006) “Quanto mais se lia, mais se produzia conhecimento o que aumentava o

campo para novos estudos. Este ciclo cresceu aumentando a relação entre a universidade, a biblioteca e os seus leitores.” Segundo estes autores, é a partir deste momento que a biblioteca passa a ter protagonismo na difusão da informação. É necessário observar que nesse período o caráter de segregação já estava presente e o acesso à informação era restrito ao meio escrito, o que acentua a desvantagem dos que não são fluentes na leitura e na escrita. Por consequência, desde esta época a maior parte da produção de conhecimento estava a cargo da elite dominante, o que reflete em muito a condução dos estudos e pontos de vista adotados.

4.1.2 Bibliotecas e acesso à informação em tempos mais recentes.

Indo para tempos históricos mais recentes considere a perspectiva de Paul Otlet. Esta grande figura acreditava que o acesso à informação seria o caminho a se trilhar para a paz mundial. Por este motivo se dedicou a estudar e desenvolver métodos de organização que facilitassem a busca por informações (Santos, 2007) considerando a importância que o acesso à informação pode ter. Cabe ressaltar o papel da mediação da informação que a biblioteca exerce nesse processo de apropriação da informação, que é inerente às competências do bibliotecário, assim como o pensar estruturado do ambiente da biblioteca para torná-la acolhedora ao usuário seja ele quem for (Prado, 2020).

*Promover la justicia social a través del conocimiento bibliotecológico, por un lado, y mediante la práctica bibliotecaria, por el otro, implica pensar y actuar políticamente en relación con el desarrollo de las colecciones y la gestión de servicios bibliotecarios y de información, para así ayudar a eliminar las barreras que enfrentan las personas y los grupos por sus condiciones de género, edad, raza, etnia, economía, ideología, clase, cultura y discapacidad. (Tello, 2020, p. 55)*²

Em tempos históricos mais recentes ligados ao início do século XX até meados da década de 1960 o espaço das bibliotecas foi palco de ferrenhas discussões nos EUA (Tello, 2020). Neste período aconteceram disputas internas entre o norte e o sul ligadas à escravidão e aos direitos das pessoas afro-americanas. No seu livro *A right to read: segregation and civil rights in Alama's public libraries 1990-1965*, o autor Graham (2002) aborda como a segregação impactava no direito de pessoas negras terem acesso à leitura. Na obra *The history library access for African Americans in the South: or, leaving behind the plow* de Battles (2008), é documentada a

² Promover a justiça social através do conhecimento bibliotecário, por um lado, e mediante a prática bibliotecária, por outro, implica pensar e atuar politicamente em relação ao desenvolvimento de coleções e a gestão de serviços bibliotecários e de informação, para assim ajudar a eliminar as barreiras que enfrentam as pessoas e grupos por suas condições de gênero, idade, raça, etnia, economia, ideologia, classe, cultura e deficiência. (TD)

trajetória da luta dos afros americanos pelo direito de acessar as bibliotecas públicas dos EUA. Outro exemplo de como o espaço da biblioteca foi palco de disputa é a luta travada pelo Movimento pelos Direitos Civis, ocorrido por volta da década de 1960, em que se conseguiu instituir uma lei que proibia segregação racial dentro de espaços educativos, a biblioteca dentre eles, e ela mesma se transforma com isso, vira também o espaço de acolhimento, em que os desassistidos apropriam-se e lutam por ele pois se veem pertencentes e ocupantes desses locais, com a perspectiva de trocar e pensar em como mudar o mundo, o seu mundo (Tello, 2020).

Outro exemplo recente do potencial que o acesso à informação tem na transformação e o quanto o acesso a esta é sinônimo de poder é o que aconteceu com Aaron Swartz. Ele nasceu nos EUA no ano de 1986, e desde muito jovem demonstrou habilidades com as tecnologias de sua época. Em sua trajetória se tornou um ativista pelas liberdades civis, direitos humanos e era a favor de uma reforma governamental. Outra característica de Swartz era sua crença que “a informação deve ser compartilhada e estar disponível para o bem da sociedade.” (Cunha, 2020, p. 477). O jovem prodígio da internet que, em 2008 publicou um documento cujo título é “Manifesto da Guerrilha do Livre Acesso” (Swartz, 2008) teve uma vida curta, pois aos 26 anos se suicidou após uma perseguição política aos seus ideais. Aaron começou a receber atenção das autoridades quando se engajou na batalha de tornar a informação acessível a todos. No ano 2011 ele vazou milhares de artigos de periódicos da JSTOR, um banco de dados acadêmicos, ao qual ele teve acesso devido a uma assinatura pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). O jovem foi acusado de desobediência civil e sofreu um processo que poderia levar à sua prisão.

O episódio teve vários desdobramentos, dos quais pode se citar um caso representativo do poder da informação, quando um outro jovem, Jack Thomas Andraka, pôde concluir suas pesquisas sobre o diagnóstico de câncer utilizando alguns dos periódicos disponibilizados por Aaron no ano de 2011, demonstrando de forma contundente que informação é poder e tem a capacidade substancial de mudar as coisas (Swartz, 2008). Algo importante de se refletir é por que e para quem tais conhecimentos têm se mantido ainda tão restritos. Hoje não lidamos mais com os índices de analfabetismo altos como já foram no decorrer da história, contudo o acesso à informação permanece igualmente dominado pela elite. Diante deste cenário o bibliotecário tem a responsabilidade de entrar como agente mitigador de tal disparidade informacional.

Um outro exemplo positivo do uso do espaço da biblioteca como ferramenta ativa de mudança social foi o combate aos efeitos do narcotráfico na Colômbia. Houve na ocasião um

maciço investimento público em projetos e reconstruções de equipamentos culturais, " [...] O projeto de parques-bibliotecas de Medellín deu tão certo que os índices de violência caíram drasticamente e o município passou a ser reconhecido como cidade-metido." (Castro, 2020).

A estratégia de usar cultura, acesso à informação por meio do melhoramento de bibliotecas, incentivo à leitura e mediação, entre muitas outras intervenções culturais mostrou-se eficaz para conseguir êxito no combate à violência e aos efeitos do narcotráfico no país. A cidade foi reconhecida como a Capital Mundial do Livro e Capital Ibero-americana da Cultura em 2007, se tornando referência em políticas de cultura para promoção da sustentabilidade e qualidade de vida." (Programa Cidades Sustentáveis, 2025). Os ganhos da sociedade colombiana na estratégia do combate à violência por meio de investimentos em equipamentos culturais, com ênfase aqui no papel das bibliotecas (Castro, 2020), mostrou-se exitoso sem sombra de dúvida. A provocação se faz necessária para estimular reflexões: quais seriam os ganhos se fossem elaboradas estratégias com o claro objetivo de fornecer, fomentar e disponibilizar ferramentas ativas e eficazes para a mudança de conjuntura de pessoas em situação de rua? E como conhecer melhor esta parcela da população tão negligenciada? Qual o papel do conhecimento bibliotecário em somar e ser parte da justiça social que esta área do conhecimento tem imbuída à sua essência?

[...] o caso de Medellín, projetos relacionados à cultura, quando planejados de forma estratégica, podem ajudar a reduzir as diferenças sociais na cidade, engajar cidadãos e principalmente **promover uma mudança radical** na segurança pública, deixando um forte legado com capacidade de perdurar por décadas.

(Programa das cidades sustentáveis, 2025)³

4.1.3 Bibliotecas e seu papel histórico.

Levando em consideração os pontos apresentados, alguns aspectos merecem ser reforçados:

- (i) as bibliotecas passaram por diversas transformações no decorrer da história, indo de locais de depósito e passando por serem consideradas locais de prestígio e poder, demonstrando que não são, e nem nunca foram, locais estáticos e de funcionalidade única e imutável;
- (ii) devido ao seu potencial transformador foram palco de mudanças sociais e quebras de paradigmas;
- (iii) é inegável o papel crucial que a biblioteca pública tem como local de democratização do acesso à informação, é um local em que está ligado à educação não formal e sendo este

³ Destaque da autora.

espaço de democratização uma ferramenta importante no combate às injustiças sociais, uma forma pela qual faz justiça é por meio de sua mediação informacional “Os objetos culturais são signos e, mais que isso, discursos potencialmente capazes de produzir deslocamentos intelectuais, emocionais, afetivos [...]” (Perrotti e Pieruccini, 2014, p. 08) e neste espaço os profissionais bibliotecários são protagonistas, pois serão eles os responsáveis em pensar em um local que tenha capacidade de acolher todos os públicos.

4.2 Biblioteca Inclusiva, biblioteca *incluyente* e biblioteca pertencente.

A biblioteca mesmo tendo um objetivo comum, que dito de forma simplória e reduzida, visa fazer uma mediação eficiente entre a informação e o usuário, possui cada qual sua característica, que será postulada tanto pelo profissional bibliotecário que tem a responsabilidade de entender a comunidade e suas necessidades, para assim pensar nas características do acervo, políticas internas de acesso e funcionamento, quanto é dada pelas demandas da comunidade que a rodeia, por consequência é lógico que exista uma pluralidade nos tipos de biblioteca. Durante o desenvolvimento do trabalho, um gênero de biblioteca que se destaca e conversa com as necessidades aqui refletidas é o da *Biblioteca Incluyente*, ou em tradução livre para o português: Biblioteca pertencente.

Muitos dos trabalhos que tratam sobre a inclusão se caracterizam pela abrangência e a atenção é voltada para questões de saúde, seja física e/ou psicossocial, deixando de lado a inclusão de indivíduos marginalizados. Pessoas em situação de rua, que são o foco desta pesquisa, deixam de ser vistos como parte da sociedade, muitas vezes se tornam vulneráveis devido à complexidade de suas carências, e passam a não se ver mais fazendo parte, pertencentes, da sociedade e por isso sofrem exclusão. Isso fica evidente quando se constata que a primeira política pública, com o reconhecimento desta alienação social, só foi criada em 2009 e a primeira pesquisa nacional só foi realizada na primeira década dos anos 2000 (Lima, 2025).

Muitos não têm acesso as políticas públicas por pura falta de conhecimento ou habilidade em saber onde ou como buscar as informações, outros por sofrerem discriminações quando tentam buscar ajuda. Essa dificuldade no uso das informações impossibilita que estas pessoas usufruam de seus direitos como cidadãos que estão garantidos na Constituição Federal, como acesso a alguns benefícios sociais, por exemplo. (Spudeit e Vitorino, 2023. p. 2)

A exclusão social no âmbito da prática cotidiana, configura-se como um processo alicerçado na sucessão de preconceitos, negação de direitos e violações à dignidade humana que impossibilita o indivíduo de fazer parte das esferas da sociedade. Compreendendo isto, fica evidente que a inclusão social não é apenas não exclusão, mas sim um movimento que se coloca ativamente contra uma cultura estrutural de exclusão. (Santana, 2022, p. 19)

A exclusão social a qual estão submetidas as pessoas em situação de rua é tão profunda que em alguns casos a própria pessoa não se enxerga mais como humano, os relatos tanto na instituição de acolhimento quanto por um dos entrevistados corroboram isso. Em diversos aspectos de suas vidas, alguns relacionados às condições de desenvolvimento e de classe social, ou imprevistos como perda de emprego formal, ou ainda em casos de uso e abuso de substâncias viciantes, ruptura dos vínculos familiares decorrente de preconceitos e isolamento por questões de gênero, os motivos podem ser muitos e associados a diversos fatores, porém a marginalização social do indivíduo é quase que consequência certa. Esse sujeito também precisa ser incluído, contudo antes precisa voltar a se enxergar como pertencente à sociedade.

Em seu artigo intitulado *Bibliotecas y justicia social: el paradigma político-social de la Biblioteca Inclusiva y la Biblioteca Incluyente*, Felipe Meneses Tello faz a provocação da diferença entre uma biblioteca inclusiva e o que vem a ser uma *biblioteca incluyente*. Pode-se dizer que este termo ainda está em construção, nos artigos em português usa-se a mesma palavra sem distinção, porém existe uma substancial diferença quando o foco da inclusão se dá no âmbito da saúde e no campo das vulnerabilidades. Nos primeiros estudos é possível observar que o foco da ideia de “inclusão” se dava mais no âmbito da pessoa com deficiência (PCD), depois passou a abranger o público que possui questões de ordem social e por último se expandiu englobando pessoas marginalizadas, que possuem suas especificidades de acolhimento. Houve um perceptível movimento por parte de alguns autores que se propuseram a refletir sobre a quem se referia esse usuário e o que significa ser realmente inclusivo, visto que coisas tidas como elementares, como por exemplo, um comprovante de endereço, acabam não sendo tão triviais para todas as pessoas que constituem nossa sociedade.

La práctica del servicio de biblioteca con espíritu multicultural deduce que el personal bibliotecario debe satisfacer las necesidades, con especial esmero, de las minorías étnicas, lingüísticas y culturales, es decir, grupos que pertenecen a las clases, comunidades y naciones menos favorecidas, por ende, se trata de un servicio dirigido a todos los excluidos tanto del sistema social dominante como del proceso de la globalización [...]. De tal suerte que el centro bibliotecario que sirve con perspectiva de diversidad cultural es posible considerarlo como un componente teórico-práctico de la biblioteca incluyente [...].⁴ (Tello, 2020)

⁴ A prática do serviço bibliotecário com espírito multicultural deduz que o profissional bibliotecário deve satisfazer as necessidades, com especial esmero, as minorias étnicas, linguísticas e culturais, ou seja, grupos que pertencem a classes, comunidades e nações menos favorecidas, portanto, se trata de um serviço dirigido a todos os excluídos tanto do sistema social dominante como o processo de globalização [...]. De tal maneira o centro bibliotecário que serve com perspectiva de diversidade cultural é possível considerá-lo como um componente teórico-prático da biblioteca *inclusiva* [...]. (TA)

Tendo em mente as colocações acima sobre inclusão e a forma como este termo frequentemente é utilizado na literatura, além da constatação de que a perspectiva da pessoa em situação de rua é não se ver pertencente a nenhum lugar, entendemos que é responsabilidade da biblioteca, como instituição cuja incumbência é de ser ferramenta de justiça ativa, contribuir para que essas pessoas possam retornar ao convívio coletivo, auxiliando-os na reinserção na sociedade.

4.3 Sistema da Secretaria Municipal da Cidade de São Paulo.

As bibliotecas públicas estudadas no presente trabalho foram as que constam no sistema da secretaria municipal de bibliotecas da cidade de São Paulo. No site é possível realizar pesquisas sobre a missão geral dos espaços, serviços oferecidos, dados estatísticos de diversas naturezas, endereços, horários de funcionamento e uma gama de dados que podem ser consultados pela plataforma digital da prefeitura⁵. São dados muito relevantes que se pode ter acesso pelo site, contudo cabe destacar que apenas aqueles que possuem acesso a tecnologias conseguem acessar tais informações, este acesso é somente possível devido ao conhecimento prévio de uso e manejo de tecnologias. Abre-se assim uma barreira de acesso que pessoas em situação de vulnerabilidade esbarram com frequência.

Conforme fonte fornecida pelo site, a primeira biblioteca pública do estado de São Paulo foi inaugurada em 1926, a partir da liberação do acesso ao público da Biblioteca da Câmara Municipal. Desde então muitas articulações são feitas e passa-se a dar visibilidade ao aumento do número de bibliotecas no estado, cujo objetivo seria “promover iniciativas que atendam às necessidades de prover amplo acesso à informação, à leitura e à aquisição e produção de conhecimento, visando o estímulo da reflexão crítica e da criação cultural.” (São Paulo 4, 2025). Outra questão que chama atenção é que, apesar de existir a premissa de “acesso democratizado” dos espaços da biblioteca públicas, não há de forma explícita a informação clara e voltada para pessoas em situação de rua. Como bibliotecas de acesso aberto, é importante que estejam equipadas com todo o tipo de informação que possa atender as pessoas marginalizadas. Cabe observar que muitas bibliotecas que estão listadas no site da Secretaria Municipal da cidade de São Paulo fazem parte de CEUs, Ponto de Leitura e alguns denominados Bosques de Leitura e cada um destes espaços tem suas características específicas.

⁵ <https://capital.sp.gov.br/web/cultura/bibliotecas>

Os Centros Educacionais Unificados, comumente chamados de CEUs, são equipamentos que servem como braço da educação no município de São Paulo desde o ano de 2002, e como referência na educação e articulação de políticas públicas no território (São Paulo 1, 2025). No site dos centros é indicado que o departamento de Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados é responsável pelo planejamento e execução das ações e programas desenvolvidos nos CEUs; é possível encontrar também o compromisso em “aumentar a qualidade social da educação como: [...] Conectar e fortalecer a rede de proteção social em atenção aos educandos em situação de vulnerabilidade.” (São Paulo 2, 2025). Além destes equipamentos, o município também conta com Pontos de Leitura, que surgiram em 2006 e foram concebidos pela Coordenação do Sistema Municipal de Bibliotecas junto à Subprefeitura da Cidade de São Paulo e outros equipamentos culturais, em uma tentativa de suprir necessidades de leitura e acesso às informações em regiões carentes de equipamentos culturais, sendo uma alternativa à construção de bibliotecas (São Paulo 3, 2025).

Estas instituições têm missões norteadoras de seus fazeres que visam o desenvolvimento social, tem como objetivos a real contribuição junto à comunidade a qual estão inseridas. Como mencionado anteriormente, os CEUs, Ponto e Bosques de Leituras foram pensados em sua origem como equipamentos para tentar mitigar os efeitos da desigualdade informacional que se estabelece a depender do lugar que a pessoa reside e é importante destacar que essa barreira é dada pelo território a que o indivíduo pertence, pessoas que moram nos Jardins têm disponível a educação e equipamentos de lazer e cultura de forma muito mais acessíveis do que aqueles que moram na periferia da capital paulista. Pessoas que estão localizadas nos extremos das zonas da cidade, se desejarem acessar equipamentos culturais encontram muitas barreiras pelo caminho, como falta e precariedade no transporte público, valor das passagens que muitas vezes desestimulam seu uso, apenas para citar alguns dos impeditivos ou desestímulos que se apresentam. É nesta perspectiva de diminuição de desigualdade informacional que são colocados os CEUs, os Pontos e Bosques de Leitura. Porém, a realidade se impõe, pela falta de devida atenção dos órgãos públicos, em várias camadas que esta atenção envolve, mas que não serão tratadas nesta pesquisa devido à extensão e complexidade do tema.

O uso da cultura como ferramenta de combate às mazelas sociais foi aplicado empiricamente na Colômbia, no momento em que foi necessário encontrar um meio de lidar com os efeitos dos conflitos do narcotráfico no país, conforme citado anteriormente. Vivemos hoje um problema de saúde pública que só tem se agravado e tem refletido em diversos outros

campos como a segurança e moradia. O número de pessoas em situação de rua é alarmante e teve um aumento drástico como efeito pós-pandemia de Covid-19. “Diversas pessoas e famílias tiveram as suas condições de vida muito fragilizadas com a pandemia, acabando indo parar nas ruas.” apontou o professor da UFMG André Luiz, que é um dos pesquisadores responsáveis pelo estudo do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua que tratou sobre o tema (Miranda, 2025). A questão é complexa e não se explica por apenas um único fator, e exatamente por isso se faz necessário desenvolver pesquisas direcionadas especificamente para questões focadas nas necessidades destes usuários, para melhor compreensão dos desafios a serem enfrentados e atividades a serem desenvolvidas, além de possibilitar traçar caminhos possíveis para que a questão seja resolvida, ou ao menos, mitigada.

As diretrizes atuais da Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas (IFLA, sigla em inglês) apontam ações e direcionamentos para elaboração de políticas internas para que as bibliotecas sejam inclusivas da forma mais ampla. Contudo pelo que foi possível apurar nem todas as instituições têm conhecimento sobre o que é produzido pela IFLA, e os que disseram saber da existência das orientações não tem nenhuma ferramenta disponível para colocá-las em prática por falta de recursos dessas instituições não existe nenhum tipo de capacitação para preparar os profissionais (Spudeit e Vitorino, 2023).

4.4 Vulnerabilidade social, com foco em pessoas em situação de rua.

A vulnerabilidade tem origem na palavra “*vulnus*” do latim que significa ferida, o autor Tello (2020) em seus artigos trata dos grupos em situação de vulnerabilidade mais latentes, mas antes reconhece a fragilidade que todos nós apresentamos enquanto seres humanos, “*todo ser humano es vulnerable por naturaleza.*” (Tello, 2008, p. 49)⁶. Assim, o autor reconhece que todos somos passíveis de demonstrarmos e sermos vulneráveis de forma circunstancial ou pontual. Contudo, o autor destaca que é necessário reconhecer que existem pessoas em situação de vulnerabilidade que não se relaciona a uma circunstância específica, ele complementa a definição “*incapacidad de resistencia ante un fenómeno que amenaza la integridad física y mental de la persona; es la circunstancia que disminuye individual y socialmente a una persona y la hace sufrir.*”(Tello, 2008, p. 49)⁷

⁶ todo ser humano é vulnerável por natureza. (TA)

⁷ incapacidade de resistência ante um fenômeno que ameaça a integridade física e mental da pessoa, é a circunstância que diminui individual e socialmente uma pessoa e a faz sofrer (TA).

Dentro deste grupo plural, que são pessoas em situação de vulnerabilidade, encontram-se aquelas em situação de rua, estas são também muito diversas entre si, cada qual com sua subjetividade particular. Segundo as autoras Spudeit e Vitorino (2023) as pessoas em situação de rua têm em comum a extrema pobreza e vínculos familiares fragilizados ou inexistentes, muitos lidam com o vício pelo uso e abuso de drogas, altos índices de analfabetismo e pessoas que perderam o emprego formal, além do recorte racial que impera entre as características dos que se encontram nas ruas (Spudeit e Vitorino, 2023). Este último ponto, sobre o traço racial, levanta a questão sobre o fato desse problema atingir majoritariamente pessoas negras, cidadãos que historicamente enfrentam dificuldades maiores pela ausência de ações efetivas do Estado no combate à discriminação, preconceito e injustiça social, vítimas da opressão histórica em nosso país.

Esse grupo de pessoas que vivem nas ruas tem como moradia espaços públicos, tais como praças, viadutos, marquises, prédios ou construções abandonadas, e qualquer lugar que consigam utilizar como espaço de moradia. Os fatores que levam uma pessoa a tal grau de vulnerabilidade são múltiplos, desde o uso de drogas até questões econômicas que vão além do controle do indivíduo, como a perda de emprego agravado pela falta de moradia própria, ou até mesmo desastres climáticos que podem destruir casas, pessoas com poucos recursos que não têm condições, nem amparo do Estado para lidar com tais situações e acabam indo parar nas ruas.

Segundo a pesquisa feita em 2023 também pelo governo federal, no que tange ao perfil desse grupo, o que se sabe é que 82% é do sexo masculino, 53% tem entre 25 e 44 anos, 67% são negros, 70 % exerce algum tipo de atividade remunerada e 70% costuma dormir pelas ruas [...] Muitas vezes essas pessoas são responsabilizadas pelas situações em que se encontram como se fosse uma opção viver na miséria, sendo vítimas de massacres e perseguições policiais. Isso ocorre muito nos grandes centros urbanos onde há maior circulação do capital, porém com muita precarização do trabalho e de moradias devido à grande quantidade populacional. (Spudeit e Vitorino, 2023)

Um procedimento elementar para enfrentar este problema é obter dados confiáveis sobre a quantidade de indivíduos que se encontram nesta situação, os motivos que os levaram a este estado de vulnerabilidade, para fundamentar planos e políticas públicas efetivas, que considerem uma rede de serviços integrados para lidar com este problema complexo. Na pesquisa para o presente trabalho foi possível constatar que o olhar para este problema é muito recente, dados mostram que o Censo passou a coletar dados sobre a questão a partir da primeira década dos anos 2000, quando foi realizado o primeiro levantamento com este foco (Lima Júnior, 2020). Assim, pergunta-se: como traçar políticas públicas para lidar com essa

adversidade se não se tem ideia do problema real? A situação atual é reflexo de uma latente falta de interesse e responsabilidade do poder público diante destas pessoas, pois é dever do poder público prestar auxílio e assistência a estes indivíduos, independente das suas origens.

Na Sociedade da Informação, como se convencionou chamar por muitos historiadores, filósofos, jornalistas, pensadores entre outros contemporâneos, saber usar tecnologia e poder acessá-las é de fundamental importância para se exercer direitos básicos de existência, de questões legais a subjetividades. Dito isto, vale a reflexão sobre como pessoas em situação de vulnerabilidade, em especial em situação de rua, são privadas destes direitos básicos de existência. Dentre muitos fatores, a precariedade do acesso à informação aumenta este abismo, que existe de forma latente hoje, materializado nessas carências de inegável realidade da injustiça social (Brito *et al.*, 2021).

Levando em consideração a importância que o acesso à informação tem no exercício de existir é necessário o questionamento, enquanto agentes envolvidos diretamente na mediação à informação, sobre a responsabilidade do fazer bibliotecário para diminuir tais distâncias informacionais, visto que o acesso à informação é um direito e por meio dele é que se exerce cidadania, é preciso que a biblioteca, principalmente a que se coloca como um agente público, seja também elemento fomentador de ações ativas no combate às injustiças sociais. É sabido que muitas pessoas em situação de rua não têm acesso aos seus direitos, devido ao desconhecimento ou dificuldade de acesso e uso de meios tecnológicos (Spudeit e Vitorino, 2023). Sendo assim, é de responsabilidade da biblioteca pública, como espaço de inclusão, ser mediadora de políticas de inclusão social, “[...] *afirmando así un compromiso del personal de la institución bibliotecaria con la justicia social.*” (Tello, 2020, p. 61)⁸

4.5 Potencial transformador da biblioteca pública.

A biblioteca tem um papel fundamental na estruturação de uma sociedade democrática, visto que a informação - e volta-se a pontuar: os meios para se ter acesso a ela - hoje é essencial para exercer a cidadania e ter os direitos garantidos pela Constituição Federal ao alcance de todas as pessoas para mitigar a exclusão da população em situação de vulnerabilidade (Spudeit e Vitorino, 2023).

⁸ firmando assim um compromisso com o grupo de trabalho da instituição bibliotecária com a justiça social. (TA)

Nesse sentido, é de suma importância que a Biblioteconomia e a Ciência da informação deem a devida atenção à questão do acesso à informação. A Biblioteconomia tem a responsabilidade, por princípio, e o dever, enquanto campo de atuação profissional, de servir de forma ativa para a promoção da autonomia de todas as pessoas que compõem a sociedade a qual está inserida. Dado o potencial papel transformador das bibliotecas, como elaborado anteriormente, e o compromisso com a justiça social, o autor Felipe Meneses Tello (2021) alerta sobre a missão das bibliotecas como ferramentas do fazer a justiça social. É importante essa colocação, pois a maioria dos artigos lidos na execução deste trabalho, o papel da biblioteca é retratado como um local para diminuir as desigualdades, porém ao apontar o problema sob a perspectiva de a biblioteca ser um meio de se fazer justiça, atribui-se às bibliotecas um papel político, que é fundamental para enfrentar desafios inerentes às mudanças necessárias nos contextos social, econômico, educacional, incluindo participação na elaboração de políticas públicas vinculadas à justiça social. Levando isso em consideração, o presente trabalho propõe entender a relação entre a escolaridade e o uso - ou melhor - o não uso das bibliotecas como espaços de justiça e mudanças sociais, a partir de um recorte social com enfoque em pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A produção de Felipe Meneses Tello foi uma das que mais se destacaram no levantamento bibliográfico pelo forte posicionamento do autor diante da questão dada. Entendemos que é justa a colocação dele de que a biblioteca tem a responsabilidade de ocupar um papel ativo enquanto agente de justiça social, e é fundamental que o profissional bibliotecário pense em políticas de acervo, de funcionamento interno, estudo de usuário, que tenham como foco a pessoa em situação de rua, primeiro porque é um público heterogêneo em sua composição subjetiva, contudo possuem características comuns, tais como: extrema pobreza, falta de assistência real e efetiva por parte do governo, relações familiares escassas ou rompida; e parte significativa tem um letramento deficitário e que são dependentes de equipamentos públicos para terem seus direitos garantidos.

5. METODOLOGIA.

O estudo é de caráter exploratório e descritivo, fundamentado em referencial teórico e complementado por entrevistas com profissionais bibliotecários e com pessoas em situação de rua, com o objetivo de entender qual a atenção dada às pessoas em situação de vulnerabilidade, especificamente em situação de rua, no espaço das bibliotecas públicas.

Na primeira parte do trabalho foi realizada uma pesquisa de termos que teve como objetivo identificar o que está sendo produzido na literatura acadêmica sobre a biblioteca pública e a pessoa em situação de rua.

5.1 Levantamento bibliográfico.

A pesquisa dos termos teve como objetivo entender qual a atenção que os estudos têm dado para a questão das pessoas em situação de rua, bem como também se mostrou útil para composição do referencial teórico necessário para fundamentar a discussão do tema. A busca da bibliografia foi realizada em duas bases de dados, sendo estas: SciELO (<https://www.scielo.br/>) e BRAPCI (<https://brapci.inf.br/#/>). Por se tratarem de bases nacionais com maior pertinência às questões vinculadas à Biblioteconomia e Ciência da Informação no contexto brasileiro. Com base nos resultados da pesquisa, procedeu-se à análise das referências para identificar o foco principal e as questões relacionadas ao problema de pesquisa de cada um dos autores dos artigos recuperados.

Neste levantamento bibliográfico ficou evidente que, em comparação com a gravidade do problema, ainda são parcos os estudos realizados com este foco em específico. Existem trabalhos de extrema qualidade, com graves denúncias e propostas de como encarar esta realidade, como o material produzido por Tello (2020), muito utilizado para este trabalho, e para citar outros dois de destaque: Silva (2017) e Santana (2022) que também se debruçaram sobre a questão da responsabilidade da biblioteca pública em ser mediador da informação a todos sem discriminação e o problema de hoje com tantas pessoas consideradas como analfabetas informacionais.

Para além das referências bibliográficas levantadas através das bases de dados, também foi considerado como fonte de informações o site da Secretaria Municipal da Cidade de São Paulo, visto que o recorte dado às bibliotecas públicas deste trabalho são as que compõem a rede do município da capital paulista. No site da Secretaria Municipal é possível encontrar dados relevantes sobre a missão e objetivos dos equipamentos culturais de leitura e mediante isso analisar se e como estes têm, ou não, atingido os resultados previstos em seu compromisso com o atendimento a todos os cidadãos da cidade de São Paulo, considerando a alarmante situação de desassistência em que se encontram pessoas em situação de rua, facilmente observáveis por transeuntes nos variados bairros da cidade.

5.2 Questionários.

Com o objetivo de verificar como é a realidade destes equipamentos informacionais foi também enviado um questionário estruturado às instituições (ANEXO B) para entender como é o funcionamento do espaço e como é na prática do atendimento a este público. Considerou-se também a necessidade de ouvir aqueles que se encontram em situação de rua, o que foi realizado por meio de entrevista para entender sua eventual relação com a biblioteca. As entrevistas foram baseadas em um roteiro semiestruturado (ANEXO A) previamente estabelecido para possibilitar parâmetros de análise. Contudo, cabe observar que o questionário foi pensado mais para servir como um guia para orientar a conversa com as pessoas em situação de rua, uma vez que muitas delas não são alfabetizadas.

5.2.1 Instituições - bibliotecas públicas da rede.

O site da Secretaria Municipal de São Paulo traz os seguintes dados:

O Sistema Municipal de Bibliotecas – SMB é composto por 118 bibliotecas:

- 54 Bibliotecas Públicas –
Serviços de Extensão em Leitura; Pontos de Leitura e Bosques de Leitura;
- Biblioteca Mário de Andrade;
- 3 bibliotecas do Centro Cultural São Paulo;
- 1 biblioteca do Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes
(Biblioteca Maria Firmina dos Reis - temática de direitos humanos);
- 1 biblioteca do Arquivo Histórico Municipal;
- 58 bibliotecas nos CEUs.⁹

Pelo site da secretaria do município foram levantados 137 locais, foi feito contato tanto com as bibliotecas, como também com os Pontos de Leitura, as bibliotecas relacionadas aos CEUs e Bosques de Leitura, por se tratarem de equipamentos voltados à disseminação do acesso à informação, conforme consta na descrição do site destes equipamentos.

Houve uma tentativa de contato com bibliotecas públicas, com um recorte para as da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, tentando entender a existência, ou inexistência, de regimentos e orientações internos voltados para atender as pessoas em situação de rua, visto se tratar de uma instituição pública que tem como missão atender a todos os usuários em potencial. Os questionários foram enviados na primeira quinzena do mês de março

⁹ Dados do site da Secretaria municipal: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/smb/1197>
Acessado em 12 de junho 2025.

e ficou aberto para a devolutiva até o final do mês de abril. Entre as respostas obtidas 4 foram de bibliotecas ligadas aos CEUs sendo as demais bibliotecas. Os equipamentos denominados de Pontos de Leitura e Bosques de Leitura se mostraram de difícil contato, ou por se encontrarem desativados (mesmo constando no site como equipamentos ainda em atividade) ou por falta de informações atualizadas em páginas de busca. Dentre as respostas obtidas as instituições, em sua maioria, relatam que não tem projetos nem políticas internas específicas voltadas para pessoas em situação de rua, que não existem políticas internas para atendimento voltado às necessidades deste público, citam alguns projetos que já foram organizados (como “varal” de doações de roupas) contudo nada relacionado ao fomento da leitura e escrita à essa população tão vulnerável.

5.2.2 Questionários semiestruturados.

Para a finalização do trabalho buscou-se ouvir pessoas em situação de rua visando entender qual a relação estabelecida com a informação e locais de disseminação desta e este público tão negligenciado socialmente. Surgiu a oportunidade de uma conversa em um espaço de atendimento direcionado especificamente à pessoas em situação de rua, a mesma se deu com o objetivo de entender qual a perspectiva de profissionais que trabalham com este público e atuam nestes locais sobre ganhos de se entabular contato com a biblioteca pública. A conversa tinha como intuito verificar se esta parceria é vista como relevante ou não, e ouvir a opinião deles, que possuem uma relação mais próxima com pessoas em situação de rua, sobre os ganhos que uma relação com a biblioteca poderia ter na realidade destas pessoas.

A pesquisa de campo com pessoas em situação de rua foi realizada na cidade de São Paulo, na região central da capital paulista, onde existe a maior concentração de pessoas em situação de rua (Lüder, Grazini, 2024). Ao todo foram seis entrevistados. Foi pensada uma estrutura comum de perguntas (ANEXO A) com o intuito de entender em linhas gerais qual seria o papel não somente da biblioteca pública, mas da leitura na vida destas pessoas, isto porque a ideia do letramento e biblioteca sempre esteve socialmente relacionada. As perguntas elaboradas não foram lidas à risca, serviram de norteadores para obter um quadro geral da situação de cada indivíduo participante.

As abordagens foram feitas na rua, os locais escolhidos foram: proximidades do Terminal Parque Dom Pedro II, Praça João Mendes, arredores do Teatro Municipal, imediações da

República e Biblioteca Mário de Andrade. Os entrevistados eram pessoas acima dos 60 anos de idade, apenas uma pessoa branca, os demais eram pessoas pretas, sendo apenas entrevistada uma mulher. Dentre os que responderam às perguntas, um era de origem paulistana e os demais migraram de outras regiões do país, dentre aqueles que afirmam ser de outras regiões, todos afirmaram estar há décadas na capital paulista. Na conversa foi unânime a declaração da perda dos laços familiares, mesmo estes se encontrando em São Paulo, pois o rompimento não se deu pela mudança de localidade de origem.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.

6.1 Pesquisa dos termos.

Conforme sinalizado anteriormente, foi realizada uma pesquisa por termos nas bases de dados da BRAPCI e SciELO, conforme dados das tabelas apresentadas a seguir:¹⁰

Tabela 1 – Quantidade de artigos recuperados por termo - Ciência da Informação

Base de dados	Termo	Incidência
BRAPCI	Biblioteca Pública	100
BRAPCI	Biblioteca Pública AND Pessoas em Situação de Rua	9
BRAPCI	Biblioteca Pública AND Vulnerabilidade Social	11
SciELO	Biblioteca Pública	177
SciELO	Biblioteca Pública AND Pessoas em Situação de Rua	0
SciELO	Biblioteca Pública AND Vulnerabilidade Social	1
BRAPCI	Biblioteca Inclusiva	63
BRAPCI	Biblioteca Inclusiva AND Pessoas em Situação de Rua	0
BRAPCI	Biblioteca Pública AND Vulnerabilidade Social	0
SciELO	Biblioteca Inclusiva	8
SciELO	Biblioteca Inclusiva AND Pessoas em Situação de Rua	0
SciELO	Biblioteca Inclusiva AND Vulnerabilidade Social	0
BRAPCI	Biblioteca Progressista	3
BRAPCI	Biblioteca Progressista AND Pessoas em Situação de Rua	0
BRAPCI	Biblioteca Progressista AND Vulnerabilidade Social	0
SciELO	Biblioteca Progressista	0
SciELO	Biblioteca Progressista AND Pessoas em Situação de Rua	0
SciELO	Biblioteca Progressista AND Vulnerabilidade Social	0
BRAPCI	Biblioteca Cidadã	51
BRAPCI	Biblioteca Cidadã AND Pessoas em Situação de Rua	0
BRAPCI	Biblioteca Cidadã AND Vulnerabilidade Social	1
SciELO	Biblioteca Cidadã	0
SciELO	Biblioteca Cidadã AND Pessoas em Situação de Rua	0
SciELO	Biblioteca Cidadã AND Vulnerabilidade Social	0

¹⁰ Pesquisa revisada e validada pela autora em 13 de junho de 2025.

BRAPCI	Bibliocriativa	1
BRAPCI	Bibliocriativa AND Pessoas em Situação de Rua	0
BRAPCI	Bibliocriativa AND Vulnerabilidade Social	0
SciELO	Biblioteca Criativa	4
SciELO	Biblioteca Criativa AND Pessoas em Situação de Rua	0
SciELO	Biblioteca Criativa AND Vulnerabilidade Social	0

Fonte: Elaborado pela autora 2025

Tabela 2 – Quantidade de artigos recuperados por termo - Ciência Sociais

Base de dados	Termo	Incidência
BRAPCI	Pessoas em situação de rua	18
BRAPCI	Pessoas em situação de rua AND Biblioteca	9
SciELO	Pessoas em situação de rua	159
SciELO	Pessoas em situação de rua AND Biblioteca	0
BRAPCI	Pessoas vulneráveis	23
BRAPCI	Pessoas vulneráveis AND Biblioteca	1
SciELO	Pessoas vulneráveis	109
SciELO	Pessoas vulneráveis AND Biblioteca	0
BRAPCI	Vulnerabilidade social	102
BRAPCI	Vulnerabilidade social AND Biblioteca	14
BRAPCI	Vulnerabilidade social AND Pessoas em Situação de Rua	7
BRAPCI	Vulnerabilidade social AND Pessoas em Situação de Rua AND Biblioteca	6
SciELO	Vulnerabilidade social	1.434
SciELO	Vulnerabilidade social AND Biblioteca	10
SciELO	Vulnerabilidade social AND Pessoas em Situação de Rua	0
SciELO	Vulnerabilidade social AND Pessoas em Situação de Rua AND Biblioteca	0

Fonte: Elaborado pela autora 2025

A busca pelos termos se deu por meio de dois pontos distintos: primeiro partindo da perspectiva da produção científica da perspectiva da Ciência da Informação – Tabela 1, após o levantamento sob esta perspectiva foi realizada uma análise dos temas abordados realizando a busca do ponto de partida da Ciência Social, com o objetivo de verificar quantos destes resultados se entrelaçaram com questões sociais também, e dentre eles quantos remetem à temática que trata de pessoas em situação de rua.

Consideremos primeiro a Tabela 1. A forma de pesquisa usada nesta tabela demonstrou que no campo da Biblioteconomia e Ciência da informação há quantidade expressiva de textos que tratam de questões sociais em linhas gerais, como: gênero, representatividade, inclusão (contudo cabe colocar que grande parte do foco é dado para deficiência física e transtornos sociais), contudo se buscarmos sobre a questão da população em situação de rua os estudos e dados

levantados são escassos, o que reforça a necessidade de maior atenção dos pesquisadores da área para a gravidade e o grande número de pessoas nesta situação e a responsabilidade das bibliotecas, em especial a pública, no enfrentamento desta questão.

Os resultados da pesquisa que tiveram como ponto de partida a situação de vulnerabilidades que podem ser observados na Tabela 2 – Quantidade de artigos recuperados por termo - Ciência Sociais, demonstraram que é um assunto que tem sido bastante pesquisado e apresenta considerável produção científica na área, porém é importante observar que o termo “vulnerabilidade” é como um guarda-chuva para condições muito complexas e diversas, o que fica evidente quando a pesquisa é feita tendo como foco a pessoa em situação de rua. Outra reflexão que os dados suscitam é que os estudos realizados sobre pessoas em situação de rua correspondem a menos de 5% destes que pensam no papel da biblioteca como ferramenta de mudança social para essas pessoas, e a tentativa de se estabelecer uma intercessão com a Biblioteconomia e Ciência da informação, mostra resultados insuficientes. Os resultados apenas confirmam a carência de estudos quando se estabelece a correlação entre pessoas em situação de rua como potenciais usuários da biblioteca, mesmo em se tratando de biblioteca pública.

O levantamento da bibliografia foi sendo construído pelos artigos coletados na base de dados da BRAPCI e SciELO. Como apontado acima, os resultados trouxeram diversos temas, contudo relacionados especificamente à temática escolhida para este trabalho pode-se dizer que foram poucos, o que aponta para a necessidade de se aprofundar, ou até mesmo ampliar, o foco dado ao tema. Hoje o número de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social aumentou a olhos vistos, só no estado de São Paulo, que representa 43% do total da população em situação de rua do país, esse número saltou de 106.857 em dezembro de 2023 para 139.799 pessoas em dezembro do ano passado. Essa quantidade é 12 vezes superior ao que foi observado em dezembro de 2013, quando eram 10.890 pessoas aproximadamente (Cruz, 2025).

Levando em consideração que historicamente as bibliotecas são lugares em que a comunidade pode se reunir, seja para refletir, discutir, pensar e organizar mudanças sociais, se faz necessário entender o que hoje distancia as pessoas desses lugares e como o profissional bibliotecário pode contribuir para a retomada desse espaço de mudanças, como elaborar os fazeres bibliotecários de modo que a biblioteca cative e cultive os usuários e consiga fazer com que ela seja um espaço de acolhimento por todos em sua complexidade.

O referencial teórico deste trabalho buscou propiciar elementos para entender o foco dado

no campo da Ciência da informação e Biblioteconomia para a questão da responsabilidade social das bibliotecas e pessoas em situação de rua. Os questionários aplicados tentaram entender a situação no contexto real. Surge uma provocação, tendo como pressuposto norteador a perspectiva do potencial transformador que o acesso à informação tem e como este está, ou deveria estar intrinsecamente relacionado ao espaço da biblioteca na sociedade ainda hoje. Nesta pesquisa buscou-se entender também como as bibliotecas podem atuar em um lugar de intensa transformação social, política, econômica, cultural e tecnológica, visto que no decorrer da história as bibliotecas tiveram um papel sociocultural relevante e conseguiram se reconfigurar neste espaço de mudanças.

É possível afirmar que o problema de pessoas em situação de rua não recebe atenção devida nem na Biblioteconomia, nem na Ciência da informação, visto que menos de 5% dos estudos, artigos e pesquisas levantadas que se debruçaram sobre este tema e público, tem foco um pouco maior dado pela área das ciências humanas, embora ainda muito deficitário já que os resultados remeteram a precários 10% de literatura com o recorte dado à pessoas em situação de rua. Tal resultado é alarmante quando se leva em consideração a gravidade e intensidade do problema.

6.2 Respostas das instituições.

Os dados disponíveis pelo site se mostraram desatualizados, visto que em cerca de 24% não foi possível entrar em contato porque os dados do site não estavam corretos e mesmo com a busca realizada em outros meios não foi possível encontrar os dados das instituições. Foi realizado o contato com 75% dos equipamentos, alguns aceitaram responder o questionário enquanto outros não deram retorno ao contato inicial de solicitação de entrevista. A despeito dos esforços realizados, só 7 instituições deram o retorno à solicitação respondendo o questionário que se encontra no ANEXO B.

Importante colocar que foi intencional o contato com as bibliotecas relacionadas aos Centros Educacionais Unificados, pois os CEUs foram criados para servirem como um braço dentro do município para lidar com questões relacionadas à educação, e a tentativa de contato buscou entender como e até onde esses “braços alcançam” (São Paulo 1, 2025). Levando em consideração que são locais de promoção da educação, questiona-se por que não ter a pessoa em situação de rua como foco de políticas públicas de desenvolvimento social também nestes espaços? Por que não ser a biblioteca a porta de entrada para pessoas vulneráveis a esses

equipamentos de educação?

Como foi possível constatar pelas respostas enviadas, existe uma consciência sobre a responsabilidade da biblioteca com relação ao acesso à informação imbuído do objetivo de democratização desta, contudo, ao que parece, este acesso que promove a democracia se restringe àqueles lidos e tidos como cidadãos funcionais, visto que é quase inexistente ações voltadas especificamente à pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade social. As parcas atividades apresentadas pelas instituições voltadas, especificamente, para este público de pessoas em situação de rua, tem em sua maioria o objetivo de servir ao assistencialismo se colocando como um canal mediador no fornecimento de roupas, calçados, cobertores e objetos relacionados, quando muito existem contatos de onde localizar albergues e postos de assistência social. Não se trata de discutir que as bibliotecas não possam também contribuir com estes aspectos, contudo, como observado anteriormente na literatura, a biblioteca precisa agir e se colocar como um agente ativo de promoção de justiça social por meio de sua missão de tornar a informação acessível, em toda a complexidade que esta sentença abarca (Tello, 2021).

O espaço da biblioteca tem o potencial de ser transformador na vida destas pessoas em situação de extrema vulnerabilidade, se for equipado para receber este público proporcionando a ele primeiro o reconhecimento de sua humanidade, o que pode começar pelo preparo do quadro de funcionários, elaboração de uma política de acervo e funcionamento que leve em consideração as necessidades e especificidades de uma pessoa em situação de rua. Infelizmente poucas foram as respostas ao questionário enviado às bibliotecas e estes equipamentos informacionais como os CEUs. Baseado nas respostas obtidas não existe apenas uma exiguidade de estudos sobre o tema, isso também se coloca na falta de políticas públicas efetivas e maciças voltadas à pessoa em situação de rua.

6.3 Questionário semiestruturado.

A abordagem com as pessoas em situação de rua se deu de forma muito tranquila e respeitosa por ambas as partes. Quando abordados sobre questões relacionadas à leitura e escrita, a maioria afirmou que sabia ler e escrever, porém os entrevistados não tinham o hábito de leitura, muito menos de escrita, por considerarem um ato chato, além de não terem muitas oportunidades de acessar material escrito. Dentre todos, apenas um afirmou que lê e que gosta de fazer isso. Metade dos entrevistados utiliza abrigos e a outra metade se encontra na rua. Quando foram

indagados sobre o acesso às bibliotecas públicas, muitos desconversaram, mas ficou claro que não é um espaço que faça parte da rotina ou de suas peregrinações, nenhum deles demonstrou ver a biblioteca como local de uso e pertencimento.

É importante mencionar que quando abordado sobre o processo de alfabetização e escolaridade todos demonstraram certo constrangimento em tocar neste assunto, o que ficou claro nas primeiras abordagens. Pensando nisso, optou-se em procurar uma instituição que presta atendimento às necessidades básicas de pessoas em situação de rua.

Foi realizada uma visita também à Estação Cidadania, que é um local que presta serviços a pessoas em situação de rua e está localizado perto do Poupatempo na Sé. No local pude conversar com alguns funcionários da instituição. A título de esclarecimento, o Centro POP é um local que presta assistência tanto para as necessidades básicas de higiene e alimentação quanto fornecendo atendimento psicológico e assistência social. Eles não são uma instituição que auxilia na retirada de documentação, apenas fazem uma orientação dos procedimentos necessários, bem como também não funcionam como um abrigo. Dito isto, foram entrevistados 3 profissionais que trabalhavam no espaço, sendo uma assistente social, uma psicóloga e um coordenador.

A assistente social entrevistada trabalha há pouco mais de um ano no espaço, vindo de uma trajetória de atendimento às crianças vítimas de abusos. A psicóloga está no centro há menos de um ano e o coordenador trabalha com pessoas em situação de vulnerabilidade há mais de dez anos e está ligado aos atendimentos em diversas casas de acolhimento e até em presídios. Todos concordaram que o acesso à informação é essencial para a perspectiva de mudança na vida das pessoas em situação de rua, o coordenador do espaço relatou os efeitos que o acesso à literatura tem na vida dos presidiários servindo até mesmo como redução de pena. Quando indagados se existia alguma biblioteca em diálogo com o espaço relataram que não havia nenhuma; quando questionados se seria de ajuda ter esse espaço como local de desenvolvimento destas pessoas eles foram acalorados em concordar.

Outro ponto que se deve relatar é sobre a falta de pertencimento. A assistente social relatou que pelo menos 4 pessoas que frequentam o espaço são leitores assíduos, contudo no local são poucos os que conseguem acessar livros e informação. O local do espaço destinado a livros é muito pequeno e muitos declararam, segundo ela, o desejo de ir a uma biblioteca, porém existem muitos motivos que os desincentivam a ir a uma biblioteca.

A falta do sentimento de pertencimento, bem como a postura das pessoas inibe a presença dentro das bibliotecas, pois se sentem como um estorvo. Isso é reproduzido tanto por usuários, quanto pelo quadro de funcionários destes equipamentos, o que só aumenta a distância entre pessoas em situação de vulnerabilidade e a perspectiva de mudanças. Essa entrevista se mostrou muito relevante, pois estes profissionais têm acesso às perspectivas e queixas mais genuínas do motivo do porquê pessoas em situação de rua não acessam o espaço da biblioteca. Todos foram unâimes em defender o acesso à informação como um braço no processo destas pessoas recuperarem sua humanidade, que muitas vezes lhes é negada em pequenas e grandes coisas, como um olhar digno ou uma política pública que os coloque em foco e os ajude a mudar sua situação.

Conforme conversa com os profissionais que trabalham no centro de acolhimento de pessoas em situação de rua, as bibliotecas são vistas como lugares que seriam de grande ajuda no atendimento deste público, tanto atuando como uma política de redução de danos, conforme por eles colocado, como também poder ser o local em que lhes é devolvida a dignidade humana sendo um lugar que eles possam se sentir fazendo parte do espaço e se apropriando de seus equipamentos. Contudo, para isso é necessário que o profissional bibliotecário, responsável pela biblioteca, pense em projetos, eventos no espaço e políticas de acesso que incluem este público, de forma a cumprir seu papel como ferramenta ativa de justiça social.

7. CONCLUSÃO

A pesquisa, embora preliminar, mostrou que existe margem para aprofundar os estudos sobre o tema das bibliotecas e a relação com pessoas em situação de rua. Ficou claro também que o fazer bibliotecário está imbuído da responsabilidade de fazer a informação chegar em todo tipo de usuário, em toda a amplitude desta sentença. A história mostra o quanto o acesso à informação tem a capacidade de transformar a realidade e a biblioteca pública, na posição de equipamento que faz a mediação entre usuário e informação, tem o dever de se colocar como ferramenta atuante da execução de justiça social por meio de políticas internas que possibilitem e estimulem o acesso, inclusive por pessoas que muitas vezes não são vistas normalmente. É essencial também que os bibliotecários sejam capacitados para acolher o usuário, independente dos aspectos socioculturais, educacionais, de raça ou de gênero.

A biblioteca pública precisa ser esse território seguro em que este público consiga florescer novamente junto à sociedade a qual ele também pertence. Será um processo longo, considerado igualmente trabalhoso devido sua complexidade. Contudo, os potenciais resultados seriam de grandes benefícios sociais.

E, para concluir, citamos o poeta Drummond de Andrade:

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde e lentamente
passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia.
Mas é uma flor.
Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

[*A rosa do povo*] - Carlos Drummond de Andrade
(Martins, 2016)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTLES, Davis M. **The history library access for African Americans in the South**: or, leaving behind the plow. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, 2008.
- BRITO, Tânia Regina de; BELLUZZO, Regina Celia Baptista; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação no resgate da visibilidade e dignidade dos vulneráveis: o caso das pessoas em situação de rua. Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 323–345, 2021. DOI: 10.19132/1808-5245272.323-345. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/102346>. Acesso em: 24 out. 2024.
- CASTRO, Renato de. **O exemplo mundial**: como uma cidade usou bibliotecas para reduzir a violência. como uma cidade usou bibliotecas para reduzir a violência. 2020. Disponível em: <https://cidadesmaisinteligentes.blogosfera.uol.com.br/2020/08/04/exemplo-mundial-como-uma-cidade-usou-bibliotecas-para-reduzir-a-violencia/>. Acesso em: 14 jun. 2050.
- CUNHA, Murilo Bastos da. (2020). Aaron Swartz: bandido ou herói do acesso aberto?. *Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação*, 13(2), 475–479. <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n2.2020.31711>. Acesso em: 10 out. 2024
- CRUZ, Elaine Patrícia. **Aumenta em 25% o número de pessoas em situação de rua no país**. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-01/aumenta-em-25-o-numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-no-pais>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- FUJINO, Asa; SILVA, Adaci Aparecida Oliveira Rosa da; PEREIRA, César Antônio; SANTOS, Marcelo. Biblioteca inclusiva: reflexão conceitual a partir da análise da produção científica. In: EBBC - ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA, 9., 2024, Brasília. Evento. Brasília: Ebbc, 2024. p. 1- Disponível em: <https://ebbc.inf.br/ojs/index.php/ebbc/issue/view/5>. Acesso em: 07 out. 2024.
- GRAHAM, Patterson Toby. **A right to read: segregation and civil rights in Alabama's public libraries 1900-1965**. Tuscaloosa. The University of Alabama Press, 2002.
- LIMA JUNIOR, Itamar Sousa de. **História, Perfis e diversidade da população em situação de rua**. Disponível em: <https://www.sigas.pe.gov.br/files/03172023120043-texto.01.historia.perfis.e.diversidade.da.populacao.em.situacao.de.rua.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- LÜDER, Amanda; GRAZINI, Mariana. **Em 11 anos, população em situação de rua cresce mais de 16 vezes na cidade de SP, diz levantamento; nº passou de 3,8 mil para 64,8 mil**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/02/21/em-11-anos-populacao-em-situacao-de-rua-cresce-mais-de-16-vezes-na-cidade-de-sp-diz-levantamento-no-passou-de-38-mil-para-648-mil.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- MARTINS, Aulus Mandagará. **A flor e a náusea [Carlos Drummond de Andrade]**. 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/10/04/a-flor-e-a-nausea-carlos-drummond-de-andrade/>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica** : Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. 1. ed. São Paulo: N-1, 2018.
- MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo <p><i>Between past and present: views about library in contemporary world</i></p> p. 189-206. Revista ACB, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 189–206, 2006. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/432>. Acesso em: 13 out. 2024.
- PRADO, Marcos Aparecido Rodrigues do. O acolhimento como princípio da mediação da informação. Folha de Rosto, v. 6, n. 3, p. 5-13, 26 dez. 2020.
- PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 01–22, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p01. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS (Brasil). Instituto Cidades Sustentáveis (org.). **CRIAÇÃO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS IMPULSIONAM TÍTULO DE CAPITAL MUNDIAL DO LIVRO PARA BOGOTÁ**: a cidade foi reconhecida como a capital mundial do livro e capital iberoamericana da cultura em 2007, se tornando referência em políticas de cultura para promoção da sustentabilidade e qualidade de vida. A cidade foi reconhecida como a Capital Mundial do Livro e Capital Iberoamericana da Cultura em 2007, se tornando referência em políticas de cultura para promoção da sustentabilidade e qualidade de vida. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/boas-praticas/37>. Acesso em: 14 jun. 2025.

- SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**, [S.L.], v. 36, n. 2, p. 54-63, ago. 2007. IBICT. <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-19652007000200006>.
- SÃO PAULO 1. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. **Sobre os CEUs**. Disponível em: <https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/sobre/>. Acesso em: 05 maio 2025.
- SÃO PAULO 2. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados. **Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados - COCEU**. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/coceu/>. Acesso em: 05 maio 2025.
- SÃO PAULO 3. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. **Pontos de Leitura**. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/bibliotecas/pontos_leitura. Acesso em: 05 maio 2025.
- SÃO PAULO 4. Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. **Cultura e Economia Criativa**: sistema municipal de bibliotecas. SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/smb/1197>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.
- SPUDEIT, Daniela; VITORINO, Elizete Vieira. Quem vocês pensam que são? Reflexões sobre a vulnerabilidade informacional nas pessoas em situação de rua sob o prisma da Competência em Informação. **Biblios Journal Of Librarianship And Information Science**, [S.L.], n. 86, p. 1-19, 16 jan. 2023. University Library System, University of Pittsburgh. <http://dx.doi.org/10.5195/biblios.2023.1095>.
- SILVA, Cicero Carlos de Oliveira; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Percepções Sobre Biblioteca Inclusiva. Folha de Rosto, v. 1, n. 1, p. 30-43, 21 jul. 2015.
- SWARTZ, Aaron. **Guerrilla Open Access Manifesto**. Disponível em: <https://archive.org/details/GuerillaOpenAccessManifesto/mode/2up> Acessado em 20 abril de 2025.
- TELLO, Felipe Meneses. Servicios bibliotecarios para grupos vulnerables: la perspectiva en las directrices de la IFLA y otras asociaciones. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n.1, p.45-66, jan./abr. 2008.
- TELLO, Felipe Meneses. Bibliotecas y justicia social: el paradigma político-social de la biblioteca inclusiva y la biblioteca incluyente. Folha de Rosto, v. 6, n. 3, p. 54-77, 27 dez. 2020.
- DOI:<https://doi.org/10.46902/2020n3p54-77>

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO - Usuários

Nome:

Idade:

Grau de escolaridade:

Alfabetização:

- 1 - Qual o contexto que você aprendeu (ou não) a ler e escrever?
- 2 - Como foi o processo de alfabetização?
- 3 - Como era sua relação, quais os processos de mudança que aconteceram neste período até os dias de hoje?
- 4 - O que mudou para sua relação atual com a leitura e escrita?
- 5 - Hoje tem o costume de escrever?

ANEXO B – QUESTIONÁRIO - INSTITUIÇÕES

Nome:

Inauguração:

Público alvo:

- 1 - Quais os assuntos gerais do acervo?
- 2 - Qual a missão da instituição?
- 3 - Qual o perfil do público que frequenta a biblioteca?
- 4 - Existem computadores disponíveis para uso dos frequentadores? Se sim, qual seria o procedimento para usufruto?
- 5 - Qual a forma de acesso ao acervo, é preciso se identificar? Existem catracas no local?
- 6 - Qual a autonomia dos usuários para pesquisa do acervo? É possível realizar uma pesquisa no acervo de forma autônoma ou é preciso recorrer ao auxílio de funcionários?
- 7 - A biblioteca é utilizada por pessoas em situação de rua ou de vulnerabilidade social?
- 8 - Existe um levantamento de qual o serviço e/ou espaços mais utilizados por este público em específico? Se sim, quais seriam?
- 9 - Existe, ou já existiu, alguma ação voltada para este público em situação de vulnerabilidade? Se sim, qual? Se foi descontinuado, por quê?
- 10 - Existe um diálogo entre a biblioteca e locais de acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade?
- 11 - A biblioteca faz uso das orientações da Federação Internacional de Biblioteca Associações e Instituições (IFLA, sigla em inglês) sobre pessoas em situação de rua ou marginalizadas, com por exemplo a realização de estudo de usuário com o foco em entender as necessidades deste público visando mitigar as carências informacionais destes.
- 12 - Existem ações de aprimoramento ou cursos de capacitação oferecidos aos funcionários para que estejam preparados para atender as demandas geradas por estes usuários em situação de vulnerabilidade?
- 13 - Pensando em pessoas em situação de rua, como é dada autonomia de pesquisa e acesso ao acervo? Mesmo em questões aparentemente simples de acesso, é necessário identificar-se para entrar no acervo, existe alguma restrição de acesso como de guardar volumes trazidos ao local?

14 - Qual atuação da biblioteca poderia ser destacada como uma ação especificamente voltada para pessoas em situação de rua?

15 - Em casos de existir um projeto voltado especificamente para o usuário em situação de vulnerabilidade, por gentileza responder as perguntas a seguir:

15.1 - O que te levou a desenvolver esse projeto?

15.2 - Qual o caminho percorrido? Como foi/é o processo?

15.3 - Faz parte de outros? Conhece algum que siga a mesma linha?

15.4 - Qual a sua percepção sobre a reverberação do projeto para quem participa, quem só olha?

15.5 - E o que diria especificamente sobre como as pessoas marginalizadas o recebem?

Para quem estiver respondendo este questionário.

Você escreve por prazer?

Você lê por prazer?

Quando foi a última vez que conseguiu se dedicar a uma leitura, ou escrita, por deleite próprio?